

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário de Pernambuco

Class.: Pantoral Indigenista

Data: 12 de julho de 1991

Pg.: Missões  
33R00028

### As missões na Amazônia

As missões religiosas com atuação na Amazônia começam novamente a preocupar as autoridades governamentais. Da mesma forma como sucedeu nos anos iniciais de oitenta, há denúncias de que os missionários, sobretudo americanos, não estão atendendo aos compromissos assumidos em relação às regras de comportamento que devem seguir junto às tribos indígenas.

Ao contrário do que lhes exige o Governo brasileiro, de desempenharem tão-somente o papel de integrar-se entre os índios sem interferirem em suas crenças nativas, há missões que estariam desenvolvendo verdadeira catequese religiosa, inclusive omitindo-se, quando investigadas acerca de aspectos e revelações consideradas da maior importância para a Funai, por exemplo.

Além do proselitismo religioso, denuncia-se também que em muitos casos se apontam trabalhos de levantamentos minerais realizados por técnicos estrangeiros sem qualquer autorização das autoridades do Governo, o que levou, recentemente, o ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, a determinar rigorosa diligência da Polícia Federal em áreas como a dos ianomami, nas reservas de Roraima.

O presidente da Funai, Sidnei Possuelo, acha-se informado de que algo estranho estaria acontecendo no que tange às atividades das missões religiosas no território ianomami, com inúmeros missionários estrangeiros que se distribuem em quatro grupos: a Missão Salesiana, a Missão Novas Tribos, a

Consoista e a Missão Evangélica da Amazônia (Meva).

A esse respeito, a antropóloga Maria Auxiliadora Cruz Leão, assessora da Funai, chega a reconhecer que se perdeu o controle da situação de tais missões, uma vez que até mesmo as informações que lhes são solicitadas têm sido constantemente omitidas, negadas. Sobre os surtos de malária, tuberculose e outras doenças grassantes entre os índios, ultimamente, não dão, os missionários, a mínima informação, enquanto o número de óbitos sobe em escala comprometedora.

Decididamente não é esse tipo de conduta que se estabelece nos convênios assinados com as missões, muito principalmente com as evangélicas, que insistem em uma catequese protestante entre os silvícolas da Amazônia.

Em apenas um ano, a malária já teria arrebatado para a morte cerca de 64 índios, o que representa uma cifra que não se pode julgar de menos significação. Pior ainda, quando se fica sabendo que de janeiro a maio deste ano, a Fundação Nacional de Saúde registrou, na região das reservas, 3.843 casos de contágio entre os ianomami.

Há necessidade de assistência cada vez maior aos indígenas, na vastidão da Amazônia toda, tida atualmente como ponto de convergência das atenções do planeta. Por isso o Governo vai abrir investigações em torno de todas essas denúncias a fim de proteger os indígenas brasileiros e garantir o interesse nacional na região amazônica.